

Perfis de Escravos: Sergipe, século XIX

Amâncio Cardoso.*

RESUMO

O texto analisa os perfis morais de escravos representados pelos senhores através de anúncios de fuga em jornais do século XIX. Desta forma, obtêm-se alguns atributos dos cativos imaginados pelo senhor. Tais peculiaridades compõem um acervo que alude ao grau de humanidade que se vislumbraria mesmo num regime escravista.

Palavras-chave: Perfis morais – anúncios de fuga de escravos – Brasil império.

ABSTRACT

The article analyzes the moral profile of the slaves represented by their owners through some scape advertisements. Thus, we can get some slaves' features realized by the owners. Such details complete a kind of file that refers to the humanity degree to be detected in the slaves.

Password: Moral profile – scape advertisements – brazilian empire.

Como eram representados os escravos pelos seus senhores? Ou por outra, que atributos eram impingidos aos cativos? Ou ainda, que imagens eram construídas sobre a escravaria. Para responder a estas questões, um documento incontornável são os anúncios de fuga de escravos publicados nos jornais do Império. Tais anúncios, além de descreverem o porte físico dos fugitivos, para facilitar sua captura, traziam alguns caracteres morais ou retratos d'alma, conforme, é óbvio, a perspectiva dos proprietários. Desta forma, obtêm-se alguns traços dos escravos imaginados pelo senhor. As peculiaridades, assim, compõem um patrimônio de imagens. Tal acervo, portanto, alude ao grau de humanidade que se vislumbraria nos cativos.

Nos jornais de Sergipe provincial, há relativa diversidade de frisos morais dos fujões nos anúncios. Em 1866, por exemplo, o negro João foi descrito como 'um pouco acatuzado'. O qualificativo significa apoquentado, aborrecido, importunado com pequenas coisas. Logo, João parecia meio esquentado, não tolerava conversa fiada. O que era de se temer, pois, ademais, ele era alto, espadaúdo e grosso de corpo, segundo José Pinto da Cruz, seu senhor.

De jaez semelhante, desenhou-se o preto Ângelo que fugiu de Simão Dias, em 1872. Ele foi tipificado como 'metido a valente'. Talvez esta fosse a razão porque o escravo Maurício o acompanhara na fuga: a segurança de um intrépido companheiro de senzala.

* Instituto Federal de Sergipe (Mestre em História Social).

Neste mesmo campo semântico, escravas foram também distinguidas com atributos morais. Foi o caso de Eufrásia, fugida de Aracaju em 1880 e identificada como ‘um pouco carrancuda’. Supostamente, por conta de seus aborrecimentos, ela tenha entrado em desavenças com seu senhor Gonçalo Vieira de Mello (1822-1884).

Por outro lado, a mulata Luíza foi taxada de andar ‘quase sempre embriagada’ ao lado de seu parceiro, com quem fugira, em 1866. A embriaguez era costume moralmente condenado pela medicina acadêmica no século XIX. Seria um vício que representaria desordem do espírito por falta de disciplina, por excesso de paixões; fruto de uma alma perturbada, o que se refletiria na desorganização da economia do corpo e, por conseguinte, da sociedade. Já o escravo Manoel, cuja fuga ocorreu em 1873, de um sítio em Itabaiana, foi classificado de ‘regrista’. Termo que designa quem é metedico e intrometido. Ou seja, parece que o preto Manoel gostava de ter suas opiniões, ou, quem sabe, meter o bedelho onde não lhe cabia.

Além de regrista, o jovem Isaias, de 14 anos, foi caracterizado de ‘astucioso’. Pois ele, conforme seu senhor Manuel José d’Andrade, ao fugir da então vila da Capela, em 1862, projetava mudar de nome e passar-se ‘por forro’ ou liberto. Deste modo, parecia mesmo esperto o menino Isaias.

A marca de ‘gaiato’ foi cunhada no mulato Saturnino. Ele escapara do engenho Patrimônio, em 1856. Espírito animado, Saturnino era ‘tocador de viola’. E, ao tanger as cordas, deveria soltar suas maledicências.

Mais espirituoso ainda era o mulato Luiz, evadido de Pacatuba em 1859. Levou os predicativos de ‘muito ladino e alegre’. Combinava com quem sabia contar histórias e gostava de batuques, como estampa o anúncio.

Ladino, de acordo com o jargão do escravismo, era o africano que falava português, tinha instrução cristã e possuía rudimentos de algum ofício. Porém, a acepção mais pertinente para Luiz, correspondente também a ladino, parece ser a de sagaz, manhoso, astuto. Pois o rapaz apresentava sinais de chicote pela barriga, costas e pescoço, certamente devido a alguma esperteza ou peraltice nas batucadas que freqüentava.

Ao contrário do ladino Luiz, o crioulo Constantino, que fugiu de São Cristóvão em 1853, foi salientado como ‘apatetado’. Supostamente, seu jeito atoleimado fosse proveniente de um coice que levara na testa, como afirma o anunciante.

Diferentemente de Constantino, o preto Francisco, que escapuliu da cidade da Estância em 1854, foi apontado como ‘muito retórico’. Isto quer dizer que Francisco, certamente, empolava sua fala para impressionar os outros e manter-se livre. Não é por acaso que permanecia fugido há nove anos.

Assim como Francisco, naquele mesmo ano, o crioulo Claudino, fugitivo do engenho Cipó-branco, em Itabaianinha, também foi assinalado como ‘muito retórico’. No entanto, ele seria mais preparado intelectualmente. Sabia ler e escrever. Habilidades relativamente raras num escravo; até mesmo entre livres, à época.

Além destes, outros traços foram vincados nos escravos. Alguns anunciantes frisaram caracteres considerados abonadores. Em 1872, por exemplo, o pardo Simão foi descrito como ‘muito cortês’. Sua delicadeza ou urbanidade poderia soar estranho numa pessoa que lavrava compulsoriamente as terras de um certo engenho Santana.

Quanto ao escravo João, cuja fuga ocorreu de um sítio na vila da Ilha do Ouro (no atual município de Porto da Folha), em 1879, foi considerado como ‘simpático’, ‘triste por hábito e pouco fala’. A simpatia taciturna e lacônica de João, ao contrário de Simão, calha muito bem com seu ofício. Ele era vaqueiro e andava bem a cavalo. Estava, portanto, acostumado à solidão dos sertões e a matutar com a vacaria.

Por fim, vimos que os anúncios de fuga divisa, entre outros indícios, particularidades morais dos escravos. Costumes, vícios e virtudes anotados pelos senhores nos possibilitam vislumbrar nos cativos muito além de uma simples mercadoria ou máquina para o trabalho. Aqueles sinais são prova inconteste de que a escravidão tinha seu componente espiritual. Portanto, assim, se patenteia que os escravos eram também percebidos como humanos; demasiadamente humanos.

REFERÊNCIAS:

- CANETTI, Elias. *O todo-ouvidos: cinquenta caracteres*. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo, 1989.
- Correio Sergipense*. Aracaju, vários números, 1856; 1860; 1863; 1866.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2. ed. RJ: Nova Fronteira, 1986. p.1476.
- FREYRE, Gilberto. *O escravo nos anúncios de jornais brasileiros do século XIX*. Recife: Imprensa Universitária, 1963. 224 p.
- HOUAISS, Antônio; et al. *Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001. p. 47.
- Jornal do Aracaju*, n. 249, 12 de março de 1872; n. 386, 18 de junho de 1873; n. 277, 29 de maio de 1872.
- Jornal de Sergipe*. Aracaju, n. 104, 29 de outubro de 1879.
- MACHADO, Roberto; et al. *Danação da norma*. Rio de Janeiro: Graal, 1978.
- MATTOSO, Kátia. *Ser escravo no Brasil*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MOTT, Luiz. O escravo nos anúncios de jornal de Sergipe. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe*. Aracaju, n. 29, p. 133-147.
- NUNES, Maria Thetis. *História da Educação em Sergipe*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; Aracaju: SEC/UFS, 1984.
- O Raio*. Aracaju, n. 189, 25 de julho de 1880, p.4.